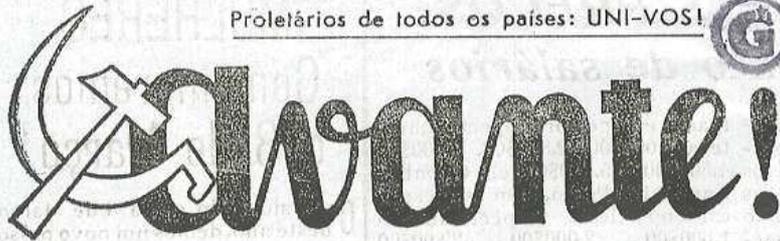


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Viva o 40º aniversário do «Avante!»

Há 40 anos, mais precisamente no dia 15 de Fevereiro de 1931, foi publicado o primeiro número do **Avante!**, órgão central do Partido Comunista Português.

Confiantes na sua marcha gloriosa, os seus fundadores escreveram então que o **Avante!** surgia da sombra da clandestinidade para iluminar o caminho «que o proletariado português deverá seguir para alcançar o poder político e económico do país, para alcançar a sua emancipação.»

Tinham razão esses camaradas. Nos 40 anos da sua difícil mas gloriosa caminhada, o **Avante!**, transmitindo a linha do Partido Comunista Português, as suas palavras de ordem de combate e conselhos, não poucas vezes iluminou o caminho da luta que a classe operária, as massas trabalhadoras da cidade e do campo, a juventude trabalhadora e estudantil, as mulheres, os intelectuais progressistas—o povo laborioso de Portugal—seguiram por melhores condições de vida e de trabalho, pelo direito ao trabalho e ao estudo, por salário igual para trabalho igual, pela liberdade de pensamento e contra a censura, contra a repressão e pela amnistia, pelas liberdades fundamentais, pela paz, pelo socialismo.

O **Avante!** não tem sido apenas um agitador e propagandista, mas também um organizador colectivo e um grande mobilizador de massas para a luta pelo pão e a liberdade.

As cinco séries do **Avante!** durante os seus primeiros 10 anos

de vida, mostrando que a sua publicação foi irregular durante esse período de tempo, patenciam também a firme determinação dos comunistas em prosseguir sempre no combate a cada revés sofrido, venceram os obstáculos levantados pelo inimigo de classe e marcharam de novo avante pelo caminho indicado pelo seu Partido Comunista. Caindo hoje, o **Avante!** reaparecia pouco depois a levar com mais vigor ainda a voz do Partido a todo o lado onde pulsava o coração da classe operária e das massas trabalhadoras.

A publicação da série actual do **Avante!** teve início em Agosto de 1941. Quase 30 anos de publicação regular e ininterrupta, levando a voz do Partido às massas trabalhadoras, orientando a luta popular por objectivos imediatos de carácter económico, político e social, desmascarando a política antinacional dos governos da ditadura fascista e os seus crimes, divulgando os êxitos da União Soviética e dos outros países socialistas, educando os comunistas e a classe operária no espírito do internacionalismo proletário, chamando as massas trabalhadoras, a juventude, as mulheres a lutarem activamente pelo termo das guerras coloniais conduzidas pelos fascistas e colonialistas portugueses contra os povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique e a manifestarem a sua solidariedade com a luta armada que esses povos travam pela independência nacional.

Nas condições da mais estreita clandestinidade, sob uma cruenta

ditadura fascista, num país em que não há liberdade de imprensa, a publicação regular do órgão central do Partido durante 30 anos representa sem dúvida alguma uma importante vitória política do Partido da classe operária sobre a ditadura fascista.

«O trabalho de agitação e propaganda do Partido (salientava o camarada A. Cunhal no seu relatório sobre a actividade do C.C. ao VIº Congresso do Partido—Agosto de 1965), tem sido um elemento fundamental do alargamento da influência, da autoridade e prestígio do Partido e da mobilização de vastas massas populares para a luta contra a ditadura fascista.»

A publicação regular de um órgão clandestino, sempre feito em Portugal, é uma tarefa difícil e complexa. Redigir nas condições da mais estreita clandestinidade já não é tarefa fácil, mas montar, abastecer e defender da repressão policial as tipografias clandestinas: imprimir e distribuir o **Avante!** e outra imprensa através de todo o país, quando todo o aparelho repressivo da ditadura espreita e actua dia e noite com o objectivo de destruir o aparelho de imprensa do Partido, é sem dúvida alguma uma tarefa muito mais difícil, só possível de realizar graças à solidez do Partido, aos seus métodos de trabalho de organização, ao trabalho devotado e aos sacrifícios de milhares de militantes.

Nestes 40 anos de vida do **Avante!** algumas tipografias foram localizadas pelo aparelho repressivo da ditadura; redactores, tipógrafos e distribuidores foram presos, torturados, por vezes até à morte, muitos sofreram longos anos nos cárceres e outros morreram aí. A sua coragem, dedicação sem limites e espírito de sacrifício se deve em boa parte que o **Avante!** viva e caminhe sempre avante pela via que conduz à revolução.

No 40º aniversário do **Avante!** lembremos com saudade José Gregório, responsável da primeira tipografia depois da reorganização do Partido de 1940-41, mais tarde membro do Secretariado do C.C. do Partido, falecido em Praga em 1960 para onde tinha ido tratar-se duma doença grave adquirida na clandestinidade; José Moreira, responsável do aparelho de imprensa, preso em Janeiro de 1950 foi torturado pelos bandidos da PIDE até à morte por se recusar a dizer onde estava a tipografia do **Avante!**; Maria Machado, que entregou toda a sua vida à causa da classe operária e do seu Partido e que, em 1945, não podendo salvar a tipografia

ESTADO DE EXCEÇÃO NAS UNIVERSIDADES a luta estudantil continua

A nota oficiosa, de 21 de Janeiro, do Ministério da Educação que instala, praticamente, o estado de excepção nas Universidades, culminando uma vasta operação repressiva contra os estudantes e os seus orga-

nismos associativos, põe a nu a natureza de classe e o carácter fascista da política de M. Cactano em relação ao ensino e aos estudantes.

Forçado pela luta popular estudantil a reconhecer a validade de algumas reivindicações democráticas sobre o ensino, anunciando espectacularmente um abstracto plano de reformas, proclamando demagógicamente a vontade de se abrir ao diálogo com os estudantes, o governo da ditadura procurava dominar o «mal estar» nas escolas, dividir os estudantes, desarmar e desmobilizar o movimento estudantil, ao mesmo tempo que por via repressiva arremetia contra as Associações de Estudantes e outras estruturas democráticas bastiões da resistência estudantil à fascização da Universidade, restringia o direito de reunião nas escolas e instalava nestas um clima de intimidação através de inquéritos, processos disciplinares e das intervenções da polícia de choque e dos seus cães.

As greves gerais das Universidades e do Instituto Industrial de Lisboa de 16 e 18 de Janeiro e da Academia de Coimbra a 19 e 20, as amplas reuniões com milhares de participantes, como as Assembleias Magnas de Coimbra que chegam a abarcar 2.000 estudantes e os Plenários de Lisboa que atingem aproximadamente os mesmos números, as grandes concentrações, como as efectuadas junto do MEN, em Lisboa, com cerca de um milhão de estudantes, e junto da Reitoria, em Coimbra, com cerca de meio milhão, a greve na Faculdade de Letras e outras acções dos estudantes do Porto, a greve dos alunos da Escola Técnica de Vila Franca de Xira—constituem a resposta dos estudantes ao novo plano fascista para resolver a «questão estudantil».

Impedindo o acesso dos estudantes aos órgãos de informação e o esclarecimento por eles dos objectivos da sua luta, misturando propositadamente actos anarquizantes de alguns estudantes isolados com as acções de milhares e milhares de estudantes por objectivos bem definidos, recusando as entrevistas que insistentemente lhe foram propostas pelos dirigentes estudantis ou procurando impôr aos estudantes condições vexatórias para que elas se realizassem (desmentindo assim os

(cont. na 2ª pág.)

POR UM MOVIMENTO DEMOCRÁTICO VOLTADO PARA A ACÇÃO

A reanimação do movimento democrático verificada ultimamente não pode voltar a ser interrompida pelo exacerbamento de discussões que tendam a cristalizar posições e a acentuar as diferenças de opinião entre algumas das estruturas do movimento.

Os «grandes planos de organização» e as soluções organizativas destacadas da realidade que durante algum tempo esgotaram as reuniões e paralisaram o movimento, afastando-o da acção e das massas, podem tornar-se factores de divisão no plano nacional se não for feito um sério esforço para buscar, com fraternidade democrática, as soluções simples, flexíveis e realistas que, respondendo à situação presente do movimento, lhe conferam dinamismo e capacidade de actuação.

«A realização, tão pronta quanto possível, com a participação das diversas estruturas existentes nas várias regiões, de EMCONTROS NACIONAIS, em que, através de um fraternal confronto de ideias, se procure UMA PLATAFORMA COMUM DE ACÇÃO IMEDIATA na base da qual se reforce a cooperação entre todos os sectores, é (acentuava a Comissão Política do C.C. do nosso Partido no seu documento de Janeiro) um passo indispensável para que o movimento democrático, tendo em conta as diversidades de opinião e as particularidades da situação nos diversos distritos, possa arranjar com êxito para uma nova ofensiva política de amplitude nacional.»

Os movimentos que se desenvolvem em torno das grandes reivindicações nacionais, como a AMNISTIA, a ABOLIÇÃO EFECTIVA DA CENSURA, O TERMO DA GUERRA COLONIAL, reclamam uma pronta tomada de posição por parte do movimento democrático no seu conjunto.

A contribuição do movimento democrático para a dinamização destas movimentações específicas poderá ser decisiva e é, com certeza, nestas frentes de acção por objectivos concretos que o movimento democrático encontrará o caminho da superação das dificuldades, a via de ligação às massas, a força que lhe conferirá representatividade nacional e imporrá a sua legalidade.

ÚLTIMA HORA

31 DE JANEIRO

Fiéis às tradições democráticas da cidade, os democratas do Porto não permitiram que o 31 de Janeiro passasse em claro.

Com uma romagem em que participaram várias centenas de pessoas e um jantar comemorativo, os democratas portugueses afirmaram-se, uma vez mais, como um destacamento sempre presente do movimento democrático. Num dos próximos números daremos notícias mais detalhadas do 31 Janeiro.

(cont. na 3ª pág.)

CONTRA A ESCALADA DOS PREÇOS

Organizar a luta por aumento de salários

Ano após ano, mês após mês, o PCP vem alertando as massas trabalhadoras de que não havendo mudança na política nacional, continuando a camarilha fascista governante a queimar cerca de 50% das receitas públicas com as guerras coloniais e com outras despesas militares e de segurança, o custo de vida continuaria a aumentar sempre mais e mais. Ao mesmo tempo o PCP insistia que a classe operária e as massas trabalhadoras só pela luta organizada e desenvolvida diariamente nos locais de trabalho por aumento de salários podiam obter a um maior agravamento das suas já difíceis condições de vida.

Os factos aí estão a confirmar inteiramente as previsões do PCP.

Nos últimos meses vimos assistindo a uma nova escalada dos preços de quase todos os produtos, sem que em contrapartida se assinale qualquer tendência para aumentar os salários e ordenados. Pelo contrário, os tubarões da indústria, do comércio, da agricultura e o seu governo procuram impôr uma política de congelamento de salários e desta maneira acumularem novas fortunas.

No último trimestre de 1970 aumentaram os preços das massas alimentícias e indirectamente do pão, dos transportes colectivos do Porto, da electricidade nalgumas regiões, de 50% a 100% o preço dos registos e das encomendas postais. Por sua vez, os preços dos artigos de primeira necessidade e as rendas de casa não param de galopar.

Em Janeiro do corrente ano foi

o governo que deu o sinal de partida para a nova escalada dos preços com o aumento de todos os impostos que tombam sobre as massas laboriosas, em especial do famigerado imposto de transacções, que subiu de 7% para 12% e, em alguns casos, de 7% para 20%. Como previra o PCP, alguns produtos pagam este imposto mais do que uma vez.

A carne, ao mesmo tempo que escasseia, sofre novos aumentos oficiais e extra-oficiais, não passando as tabelas de pura ficção pois, por exemplo, a tabelada a 40\$00 é vendida a 50\$00, 55\$00 e mais. O peixe fresco trepa degraus sobre degraus custando a pescada, por exemplo, de 30\$00 a 75\$00 o quilo conforme o tamanho e frescura, enquanto o bacalhau aumentou 2\$00 extra-oficialmente. O queijo sofreu aumentos de 5, 10 e 20\$00 em quilo, conforme a qualidade. Nos cafés, os artigos mais necessários sofrem aumentos de 12, 2, 17, 20, 33, 43, 50, 75 e 100 por cento. A venda do arroz passou a ser livre, isto é, livre o preço; o azeite de boa qualidade passou a ser considerado artigo de luxo por causa do seu elevado preço. Em Lisboa, no princípio de Janeiro, uma couve portuguesa chegou a custar 12\$00 (!) e uma miserável alface nada menos de 5\$00 (!).

A contribuição predial urbana aumentou em 4%, o que significa ou vai ser travada a construção de habitações ou as rendas de casas vão sofrer novos aumentos. Oficialmente ficou a saber-se que em Lisboa a renda mensal de casas com 2, 3, 4, 5 e 6 divisões assoa-

lhadas é superior respectivamente a 2.000\$00, 2.800\$00, 3.500\$00, 4.500\$00 e 5.500\$00; em Coimbra, Funchal e Porto, com as mesmas características, respectivamente 1.600\$00, 2.000\$00, 2.800\$00, 3.400\$00 e 4.100\$00; e em vilas como Agueda, Alcoaba e Gondomar, respectivamente 1.000\$00, 1.400\$00, 1.800\$00, 2.300\$00 e 2.800\$00.

Estará isto em correspondência com os salários e ordenados da totalidade dos trabalhadores? Não, não está!

Se o governo de M. Caetano admite oficialmente para questão de impostos a existência de rendas superiores àqueles quantitativos, pergunta-se: Como vamos quanto a salários? Está previsto qualquer aumento substancial para breve por decisão do governo? Como podem os operários da cidade e do campo, os empregados, os funcionários modestos instalar-se em casas?

Se o governo de M. Caetano não só autoriza, mas até fomenta, como acabamos de ver mais uma vez, a escalada dos preços dos géneros de primeira necessidade e dos serviços de água, electricidade e transportes, cabe perguntar: Como vamos viver se não se verificar um aumento imediato de salários?

De vontade própria nem o governo nem patrões aumentarão os salários. Só pela luta organizada, massiva na base de uma unidade indestrutível dos trabalhadores estes conseguirão ver aumentados os seus salários e satisfeitas outras reivindicações económicas e sociais.

A ofensiva do governo, dos industriais, dos latifundiários, dos grandes comerciantes, dos banqueiros, contra o nível de vida dos trabalhadores, estes devem responder sem demora com uma ofensiva geral em todos os locais de trabalho por melhores condições de vida, por aumento de salários, organizando a luta em cada empresa, recorrendo a concentrações junto das gerências e dos patrões, assim como nos sindicatos, paralisando o trabalho, recorrendo à greve.

Tem grande importância para o resultado da luta, a coordenação das acções numa empresa com as acções noutras empresas e ambas com as acções nos sindicatos, assim como o alargamento e fortalecimento da unidade dos trabalhadores à escala da empresa e duma indústria, local, regional e nacional.

Partido do Trabalho da Coreia

Quando da passagem do 25º aniversário do Partido do Trabalho da Coreia, o C.C. do nosso Partido enviou ao C.C. daquele Partido irmão uma mensagem fraternal de saudação, salientando a luta heroica de libertação nacional do povo coreano sob a direcção dos comunistas coreanos contra o imperialismo japonês, e sob a direcção do Partido do Trabalho da Coreia, a construção do socialismo na Coreia do Norte, a expulsão, com a ajuda de outros países irmãos, dos agressores norte-americanos nos anos de 1950-1953, a reconstrução do país.

Agradecendo as saudações calorosas do nosso Partido, o C.C. do P.T.

MULHERES

Comemoramos o 8 de Março!

Comemorando o dia 8 de Março deste ano, demos um novo passo na luta pela conquista dos direitos da mulher, no caminho da sua verdadeira emancipação!

Operárias! Empregadas! Trabalhadoras manuais e intelectuais! Empunhai com vigor a bandeira das vossas reivindicações! Nas fábricas e em todos os locais de trabalho, discuti em reuniões, grandes ou pequenas, os vossos problemas e reivindicações! Desenvolvi as mais variadas acções contra a exploração e as discriminações a que estais sujeitas!

Junto do patronato e das autoridades governamentais, dando provas de iniciativa e audácia, reclamai: Salário igual para trabalho igual! Assistência condigna à gravidez e no parto! Creches e jardins de infância! Que o ensino infantil não seja apenas uma promessa mas uma imediata realidade! Direito à instrução e a uma vida saudável e feliz para os vossos filhos!

Mulheres democratas e antifascistas! Fazei ouvir a vossa voz em reuniões, conferências, colóquios e outras acções para denunciar os graves problemas que afligem as mulheres e as crianças no nosso País!

Trabalhadores! Jovens! Democratas! Com o vosso apoio solidário, participai, ao lado das mulheres, nas comemorações do dia 8 de Março!

Adiante, por uma jornada de combate!

O julgamento de Burgos

Além da solidariedade manifestada pelo nosso Partido através do «Avante», da RPL, da Direcção Regional do Norte, etc., chegam-nos notícias de algumas acções realizadas no nosso país em favor dos patriotas búsicos que, em Dezembro de 1970, foram julgados e condenados em Burgos pelo governo fascista de Franco.

Numa Reunião Geral de Alunos, realizada no Inst. Superior Técnico, com a presença de 800 estudantes, foi aprovado um telegrama de protesto contra o julgamento: de um «meeting» realizado na Faculdade de Letras foi também enviado um telegrama de protesto; noutras Faculdades da Universidade de Lisboa foram aprovadas moções e distribuídos documentos; 200 intelectuais da capital subscreveram um abaixo-assinado de protesto; a CDE de Lisboa, em documento largamente distribuído, denunciou a repressão do regime de Franco contra os patriotas búsicos e toda a arbitrariedade e ilegalidade do julgamento de Burgos.

A luta dos estudantes continua

(cont. da 1ª pág.)

proclamados desejos de «diálogo»), o governo de M. Caetano e toda a camarilha fascista (mesmo a «liberalizante») lançam-se numa histórica campanha anti-estudantil procurando virar a opinião pública contra os estudantes, justificar as intervenções bestiais da polícia de choque, preparar o clima para as medidas repressivas de excepção anunciadas a 21 de Janeiro.

Mas estas não intimidam os estudantes. Em Coimbra, respondem-lhes com nova greve geral, logo no dia 22, que, apesar da ocupação da Cidade Universitária pela polícia, é seguida maciçamente e com a realização de nova Assembleia Magna em que participam 1.500 estudantes. Em Lisboa, com novo plenário em que participa mais de um milhar de estudantes. No Porto, com reuniões gerais em várias escolas.

O governo não conseguirá «normalizar» a vida nas escolas nem com demagógicas propostas de reforma que ignoram os estudantes, nem com as cargas da polícia de choque, nem com medidas repressivas de excepção. A luta dos estudantes continuará a desenvolver-se em torno das grandes reivindicações estudantis que a Assembleia Magna de Coimbra, por exemplo, d. Inú assim, em 1811:

«1) A imediata suspensão de toda a legislação circum-escolar e disciplinar anti-estudantil... 2) O reconhecimento das estruturas eleitas democraticamente... 3) O livre acesso aos órgãos de informação dos documentos do movimento estudantil. 4) A total liberdade de discussão, estudo e reunião. 5) Publicidade completa dos trabalhos da reforma.»

A estas reivindicações junta-se hoje e toma carácter prioritário em todas as Academias a luta pelo levantamento dos inquéritos e processos disciplinares, contra todos os processos repressivos em curso, pelo levantamento das medidas especiais decretadas pelo governo em 21 de Janeiro.

A unidade na luta contra a repressão através de potentes acções de massas combinadas a nível nacional é, no imediato, a perspectiva que permitirá aos estudantes defender e consolidar o seu movimento e dar um rumo vitorioso à sua acção.

Mas este dependerá sempre do apoio que os estudantes encontrarem nos diferentes sectores da população.

Órgão do Partido do proletariado português, o «Avante!» apela para que a classe operária e as massas trabalhadoras para que manifestem activamente a sua solidariedade aos estudantes em luta.



40º aniversário do «Avante!»

(cont. da 1ª pág.)
clandestina do **Avante!** onde então trabalhava, ajudou com o seu sacrifício pessoal a evitar a prisão de dois camaradas.

No 40º aniversário do **Avante!** saudamos calorosamente os tipógrafos e distribuidores do **Avante!** que, com o seu trabalho silencioso e modesto mas abnegado e cheio de dificuldades e perigos, levam a voz do Partido Comunista Português às massas trabalhadoras e populares, de norte a sul do país.

No 40º aniversário do **Avante!** saudamos calorosamente os ca-

maradas **António Dias Lourenço** e **Joaquim Pires Jorge**, membros do C.C. do P.C.P., presos no Forte de Peniche há longos anos, que quando em liberdade na sua actividade revolucionária ligaram para sempre os seus nomes ao glorioso **Avante!**, e dizemos-lhes que não pouparemos esforços e sacrifícios na luta contra a ditadura fascista, pela liberdade, pela amnistia para todos os presos políticos. Saudamos igual-

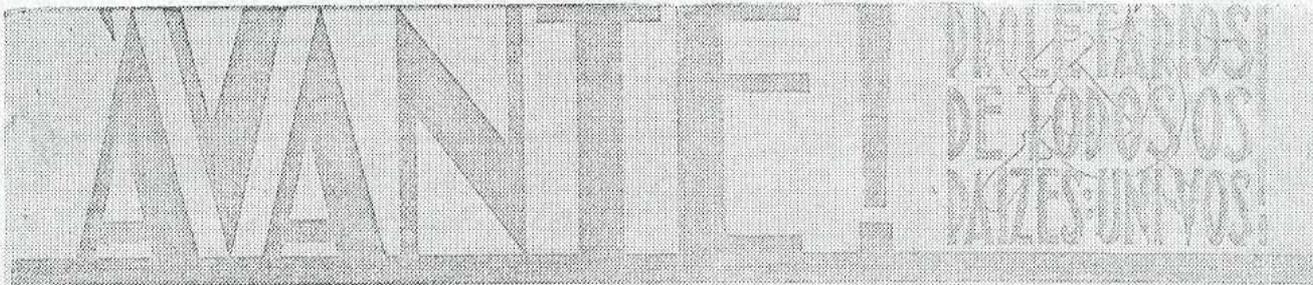
mente a camarada **Úrsula Machado**, tipógrafa do **Avante!**, presa na prisão de Caxias há 2 anos e meio.

No 40º aniversário do **Avante!** saudamos calorosamente, todos os militantes e simpatizantes do Partido, os trabalhadores que a justo título se orgulham do seu jornal — o glorioso **Avante!**.

O aparelho repressivo da ditadura fascista tem desenvolvido e desenvolve grandes esforços para

silenciar a voz do Partido. Militantes e tipografias caíram, mas a voz do Partido não foi calada. Novos militantes e tipografias poderão tomar ainda até ao dia do derrubamento do fascismo, mas a voz do Partido Comunista não será amordaçada. O **Avante!** continuará a entrar nos locais de trabalho onde pulsa o coração da classe operária e das massas trabalhadoras.

O fascismo jamais conseguiu nem conseguirá amordaçar a voz do Partido da classe operária portuguesa. O **Avante!** seguirá sempre adiante!



ANO 1 — Número 1

Órgão Central do Partido Comunista (S. P. da I. C.)

15 de Fevereiro de 1931
PORTUGAL

AO PROLETARIADO DE PORTUGAL

CAMARADAS:

A persistente repressão que vimos sofrendo por parte do governo, apoiado em forças mercenárias, que têm como único objectivo, a satisfação da sua vaidade, o brilho dos seus galões, sem a menor consciencia pela dor e pela miséria que o povo sofre, levou o P. C. P. a desenvolver uma maior acção revolucionaria, dispondo-o a lutar, sem desanimo, pelos sagrados direitos do proletariado português.

Impossibilitado de falar ou de escrever por uma censura estúpida, draconiana e caprichosa; perseguido, por toda a parte, ao menor pretexto, sem pretexto até; o povo, cada vez mais, vendido e explorado, debatendo-se entre a miséria, proveniente do descarado predomínio de uns tantos afluores, que detêm a riqueza e o poder politico, e as injustiças, que são a característica de Portugal no momento presente, o Povo, dizemos, vê-se obrigado a multiplicar as suas forças, a fim de, terminar, violentamente, com tudo quanto contribui para a sua miséria.

O P. C. P. não pode permitir, com a sua passividade, que as coisas se encontrem pejudicadas de deportados considerados indesejáveis em razão das suas ideias politicas; que os parentes chorem por muito tempo os entes queridos que morrem na deportação, ou de fome, os que conseguem manter-se na metropole; que o contribuinte continue suportando os impostos governamentais para recepções a reis, que nunca chegam, ou para manter um exercito decorativo e impotente.

Impõe-se-nos o dever de protestar, contra o desenvolvimento das forças policiaes, organizadas não simplesmente para assassinar os trabalhadores indefesos, que não cometem outro delito, que não seja o de pedir pão para si e para sustentar os seus.

Um órgão na imprensa se nos tornava indispensavel para denunciar ao povo português todas as tropelias, todas as maldades e todos os crimes que contra ele se praticam diariamente. Esse órgão será **AVANTE!** que surge da sombra da clandestinidade, mas que iluminará o caminho que o proletariado português

deverá seguir para alcançar o poder politico e economico do país, para alcançar a sua emancipação.

A politica reaccionaria de Carmona e seus cúmplices, coloca todos os portugueses ante o dilema de escolher, entre a guerra sem quartel ás instituições e princípios que as sustentam, ou morrer ignominiosamente sob o seu despoletico dominio, com o laibei infamante dos cobardes.

Perante estas duas perspectivas, o P. C. P. opta pela primeira, certo de que traduz bem fielmente os desejos do povo trabalhador e daquela parte do exercito que não renega a classe social a que pertence.

O P. C. P., a partir deste momento, ergue a sua bandeira revolucionaria, ao grito de rebelião das massas escravizadas, recolhendo no seu seio todos os lamentos do povo português, que pede justiça contra os tiranos insensíveis, responsáveis do caos em que o país se encontra.

Pretendemos conduzir a acção revolucionaria, independentemente de qualquer colaboração com outros partidos, posto que, a experiencia e o nosso credo politico nos proibam a coligação com forças alheias ao proletariado.

Sob o clama, chamando os que sofrem a incorporarem-se nas fileiras revolucionarias. O P. C. P., consciente da sua grande responsabilidade ante a proxima revolução, coloca-se desde já na vanguarda do exercito proletariano.

É indispensavel organizar as forças de choque, que não de derrubar a burguesia do pedestal que a suporta. **AVANTE!** que é o eco dos clamores internos dos que sofrem, contra o estado politico, economico e social em que desgraçadamente Portugal se encontra, será o órgão condutor das forças despoletas, ansiosas de justiça.

Apelamos clamorosamente para todos os que se encontram impregnados de chama revolucionaria, no sentido de que sigam fielmente a trajectoria que o P. C. P. demarcou, neste momento de decisões rapidas e radicais.

(Continua na 4.ª pagina)

CAMPANHA DE FUNDOS

Avante camaradas! Enviai as vossas rubricas para a Campanha de Fundos do Cinquentenário.



TRANSPORTE	64.976\$00	Metalúrgicos vermelhos	310\$00
A memória de « Che »	3.000\$00	Natal (S)	760\$00
A memória F. Vicente (Natal 1 70)	1.300\$00	Nova luz	100\$00
Idem	70\$00	Os sempre unidos	100\$00
Idem	70\$00	Para o Levant. Nacional	500\$00
Idem	70\$00	Para a Festa do Partido	300\$00
Alerta Trabalhador	200\$00	Passagem para ano revolucionário	1.500\$00
Amigos da luta	100\$00	Pela Firmeza de Pires Jorge	340\$00
Amigos dos arredores A.R.A. é que é bom	350\$00	Pela justa linha política do P.C.P.	1.500\$00
António (Outubro)	170\$00	Pelos amigos ausentes	1.000\$00
António (Novembro)	100\$00	Pelos êxitos do Partido	80\$00
Avante (J)	700\$00	Perspectiva	40\$00
Idem	550\$00	Por novos êxitos do P.	2.500\$00
Idem	600\$00	Presos políticos	500\$00
Avante anio. do Partido	850\$00	Idem	120\$00
Bandeira Vermelha MR	40\$00	Idem	500\$00
Benito de J. Caraça	80\$00	Idem	120\$00
Catarina Eufêmia	170\$00	Idem	240\$00
Idem	100\$00	Idem	500\$00
« Che »	100\$00	Idem	120\$00
Cinquentenário do P.	180\$00	Idem	70\$00
Idem	340\$00	Idem	20\$00
Com a luta	300\$00	Rosa Vermelha	100\$00
Com os trabalhadores	5.000\$00	Sofia Ferreira	1.500\$00
Cruz Vermelha	100\$00	Sol	175\$00
Economia socialista	500\$00	Sol	42\$00
Emblemas	300\$00	3 - - - - -	27\$00
Emblemas cinquentenário	800\$00	3 - - - - -	11\$00
Idem	1.200\$00	Sol Nascente	500\$00
Idem	500\$00	Sousa (I)	20\$00
Idem	100\$00	Sempre com o Partido	2.000\$00
Idem	50\$00	Idem - - - - -	1.450\$00
Idem do Partido	270\$00	Sousa (I) -	20\$00
Idem do PCP	45\$00	Sta. Maria	20\$00
Idem 50º aniversário	200\$00	Troilha Vermelha	40\$00
Idem	50\$00	Um amigo do Partido	70\$00
Emigrante	150\$00	Idem - - - - -	40\$00
Em frente (A)	600\$00	Um emblema	20\$00
F. Ferraria Marques	150\$00	Um democrata	250\$00
Francisco Miguel (N)	100\$00	Um economista (A)	100\$00
Iniciativa	48\$00	Um oovinte assíduo da R.P.L.	50\$00
Guerrilhas	50\$00	Um revolucionário	20\$00
Gloria eterna a Joaquina A Gli	100\$00	Unidade! Unidade!	40\$00
K.	50\$00	Veteranos Vermelhos	90\$00
Liberdade para os presos políticos (ED)	10\$00	Vitória Socialista	2.000\$00
Idem Dias Lourenço	195\$50	Viva a Vitória	1.500\$00
Idem José Magro	175\$00	Viva a insurreição armada	14.000\$00
Idem Pires Jorge	100\$00	Viva o PCP	250\$00
Libertação dos presos do Barreiro	20\$00	Idem - - - - -	40\$00
Idem Presos políticos	50\$00	Idem (PA)	200\$00
Lista Natal	480\$00	Viva o PCUS	200\$00
Idem	450\$00	Viva os 50 anos do P.	1.800\$00
Idem	980\$00	50º aniversário (Rodolfo)	3.000\$00
Lista do Natal Nº 7/1	171\$00	50º aniversário (um democrata)	3.000\$00
Manuel Rodrigues (L)	500\$00	50anos de luta	850\$00
Idem	200\$00	2 Rosas Vermelhas	25\$00
Idem	500\$00	Total - - - - -	135.303\$00
Idem (D)	200\$00		
Médico Vermelho	400\$00		
	175\$00		

É UM VERDADEIRO INQUÉRITO AO FORTE DE PENICHE QUE SE RECLAMA

Sob a pressão da opinião pública. Com este passo, o governo de M. Caetano não consegue esconder o nítido recuo que foi forçado a fazer-se ouvir na Assembleia Nacional fascista. A questão do reclamado inquerito às desumanas condições do Forte de Peniche foi levantada na pergunta dum deputado: já fora realizado tal inquerito?

Respondendo que « não se verificou qualquer motivo que justificasse a realização do inquerito » e que as « inspeções » promovidas pela Direcção Geral dos Serviços Prisionais asseguram « uma correcta execução das reacções penais », o ministro da Justiça punha a nu o propósito do governo continuar a arrogar-se o direito de « inspecção » as suas próprias arbitrariedades e prepotências. Foi ainda com o mesmo fito que, semanas depois, o mesmo ministro Almeida Costa convidava 6 deputados caetanistas a visitarem o Forte de Peniche.

Que viram e com quem falaram os deputados? Tais perguntas não podem ficar sem resposta. Forçado pela opinião pública e pela acção das massas a reconhecer que o inquerito à situação prisional de Peniche é uma reivindicação popular, o governo deve também ser forçado a satisfazê-la.

É um verdadeiro inquerito efectuada por pessoas dignas da confiança dos presos políticos, o que estes reclamam. É esse inquerito que os trabalhadores, os jovens, as mulheres, todas as pessoas de bem da nossa terra devem insistentemente reclamar!

50º aniversário do Partido Comunista Francês

Mensagem enviada pelo C.C. do nosso Partido ao Comité Central do Partido Comunista Francês

Queridos camaradas:

Por ocasião do 50º aniversário do Partido Comunista Francês, enviamos-vos fraternais e calorosas saudações do Partido Comunista Português.

A formação e desenvolvimento do Partido Comunista Francês constituem uma grande realização da classe operária francesa na continuidade das suas melhores tradições revolucionárias. Ao longo de 50 anos de luta contra a exploração capitalista, contra o poder dos monopólios e a sua política reaccionária, dando extraordinárias provas de abnegação e heroísmo durante a ocupação hitleriana, o Partido Comunista Francês mostrou ser a incontestável vanguarda da classe operária e o grande partido revolucionário de França.

A luta da classe operária francesa e do seu partido comunista insere-se no grande processo mundial de libertação dos trabalhadores e dos povos, na luta pela vitória do socialismo e do comunismo em todo o mundo. Numa situação internacional em que as forças revolucionárias, tendo como principal fortaleza a URSS e a comunidade socialista, infligem golpes severos ao imperialismo, — a luta dos comunistas, dos trabalhadores e das forças progressistas de França constituem uma importante contribuição à luta dos trabalhadores e dos povos de todos os países.

Para nós, portugueses, a vossa actividade tem particular significado, seja pelas repercussões internacionais da situação política francesa, seja pela vossa activa solidariedade à luta do povo e dos comunistas portugueses contra a ditadura fascista que tiraniza Portugal há 45 anos.

Desejamos ao Partido Comunista Francês novos e grandes sucessos na luta pela democracia, o progresso social, o socialismo.

Viva o Partido Comunista Francês! Viva a amizade, a cooperação, a solidariedade fraternal, do Partido Comunista Francês e do Partido Comunista Português!

Viva a unidade do movimento comunista internacional, na base do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário!

O Comité Central do Partido Comunista Português

Soluções fascistas para o problema da habitação

Num bairro da lata instalado no Caranguejeiro de Baixo-Cova da Piedade vivem cerca de 300 famílias num total aproximado de 2.000 pessoas.

Inesperadamente em fins de Novembro os moradores receberam ordem de despejo até 3-12. Caso não o fizessem tudo seria arrazado.

Onde iriam alojarse 300 famílias carregadas de filhos?

Então os moradores reponderam firmemente que só sairiam se lhes dessem casa.

Em face da resistência foram os donos do terreno obrigados a adiar a ordem de despejo.

Entretanto a PSP e a GNR aparecem a intimidar e a ameaçar, o próprio presidente da Câmara de Almada vai afirmando que as pessoas têm de sair, e a PIDE-DGS também não deixou a rondar.

A firme resistência e ao protesto dos moradores do Caranguejeiro veio juntar-se a solidariedade das forças progressistas de Almada e de toda a população. Em meados de Dezembro foi distribuída, em Almada, Cacilhas, Cova da Piedade etc. uma tarjetarelatando a situação e apoiando a atitude destas famílias.

Os donos do terreno e as autoridades de Almada recusaram e uma vez mais adiaram o despejo.

Moradores do Caranguejeiro de Baixo, mantenhaí-nos firmes! Sem novas casas ninguém saia!

Congressos de Partidos Comunistas URUGUAI VENEZUELA

Na sua mensagem de saudação ao XXº Congresso do Partido Comunista do Uruguai, o C.C. do nosso Partido punha em relevo a actividade infatigável dos comunistas do Uruguai frente às tentativas da reacção para esmagar o poderoso movimento popular e democrático, os êxitos alcançados no terreno da unidade das forças populares e democráticas no quadro da frente de esquerda de libertação.

« Os comunistas portugueses, diziam-se na citada mensagem, sempre acompanharam com vivo interesse e apreciam altamente a actividade do vosso Partido, quer no quadro da vossa vida nacional, quer pela contribuição dada ao desenvolvimento do movimento revolucionário e à unidade do movimento comunista internacional ».

Agradecendo o apoio político e moral dos comunistas e do povo do Uruguai, o C.C. do nosso Partido punha em destaque « o elevado espírito internacionalista dos comunistas do Uruguai » e desejava ao seu XXº Congresso « pleno êxito e grandes sucessos na aplicação das suas decisões ».

Na sua mensagem fraternal de saudação ao IVº Congresso do Partido Comunista da Venezuela, o C.C. do nosso Partido dizia:

« É com vivo interesse e sentimentos de fraternal solidariedade que temos acompanhado a luta infatigável e difícil dos comunistas venezuelanos para unirem a classe operária as massas laboriosas dos campos, a juventude e o povo da Venezuela pelos seus interesses vitais, arrostando corajosamente com o terror repressivo da oligarquia burguesa e latifundista e o domínio brutal do imperialismo yanque ».

E mais adiante: « queremos manifestar a nossa gratidão aos comunistas e ao povo da Venezuela pelas inúmeras provas de solidariedade internacionalista que deles temos recebido ».

E a terminar, afirmava: « Desejamos completo êxito ao trabalho do vosso Congresso, grandes sucessos na luta pela realização das suas decisões, e fazemos votos por que semantemham e reforcem as fraternas relações entre os comunistas portugueses e venezuelanos ».

Liberdade para Angela Davis!

As forças mais reaccionárias do imperialismo norte-americano fazem cair a sua fúria fascista e anticomunista sobre Angela Davis.

Jovem comunista de 37 anos e infatigável lutadora pelos direitos do povo negro a que pertence, Angela Davis pôs também todas as suas energias na luta contra a criminoso guerra conduzida pelo imperialismo americano no Vietnam, pelos direitos da juventude trabalhadora, pelo progresso social e contra a ajuda imperialista dos Estados Unidos aos regimes fascistas de Portugal, da Grécia e Espanha.

Neste momento, uma terrível máquina imperialista e neo-fascista ameaça com a pena de morte esta jovem militante exemplar. Porta-voz dos círculos mais reaccionários dos Estados Unidos, o governador fascista Ronald Reagan reclama a extradição de Angela Davis para o Estado da Califórnia. Se tal acontecer, ela poderá ser enviada para a câmara de gás.

Uma ampla e vigorosa campanha de protestos está em marcha nos Estados Unidos e no mundo inteiro.

Que cada um de nós — trabalhadores, jovens, mulheres, democratas e os comunistas em primeiro lugar — contribua na medida das suas forças para impedir o resultado criminoso da extradição de Angela Davis!

Que através de cartas, telegramas, abaixo-assinados, concentrações e outras formas de acção, façamos chegar o nosso protesto à Embaixada e aos Consolados dos E.U.A. no nosso País!

Liberdade para Angela Davis! Abaixo o imperialismo americano!

A classe operária em luta

GREVE NA TUDOR

Paralisam, fazem «cera» e intensificam a luta os operários noutras empresas

Na **TUDOR** (Castanheira do Ribatejo), os operários decidiram recorrer a formas de luta mais enérgicas para imporem a satisfação da sua reivindicação de aumento de salário marcando um prazo de 3 dias para que o patronato lhes desse uma resposta. No dia 8 de Janeiro, os 300 operários da empresa largaram o trabalho e concentraram-se junto da Administração reclamando que um administrador lhes viesse falar. Como tal não acontecesse, declararam-se em greve na tarde desse mesmo dia. No dia seguinte (sábado), apenas os encarregados compareceram ao trabalho.

Voltando a concentrar-se dentro da fábrica na 2ª feira de manhã, os operários forçaram um administrador a ouvir a sua justa reivindicação de aumento de salário. Só depois de lhes ter sido garantido que receberiam um aumento igual ao anterior (cerca de 20\$00), os operários decidiram retomar o trabalho.

Na **METAL PORTUGUESA** (Castanheira do Ribatejo), os operários da secção dos metalúrgicos estiveram paralisados das 10 às 18 horas, no dia 18 de Dezembro. Uma comissão de 15 operários apresentou na gerência a reivindicação de aumento de 20\$00 diários. O restante pessoal das outras secções seguiu o exemplo dos metalúrgicos constituindo-se em comissões e dirigindo-se à gerência reclamar o mesmo aumento.

O pagamento do aumento reclamado ficou dependente da decisão dos exploradores americanos (detentores de metade do capital da empresa) que têm todo o apoio do governo para prosseguir a mais desenfreada exploração e embolsar super-lucros à custa da mão de obra barata em Portugal. Esta é mais uma razão que impõe a maior vigilância e combatividade dos trabalhadores que não se devem contentar com os aumentos irrísórios que os capitalistas americanos se preparam para dar.

Na **CARRIS** (Lisboa), os operários das oficinas, no passado mês de Janeiro, recorreram ao trabalho lento em apoio da sua reivindicação de aumento de salários. Na véspera do Natal ninguém foi trabalhar.

Na **UTIC** (Lisboa), os operários recorreram ao trabalho lento, insistindo nas reivindicações do pagamento dos 30 dias e aumento de salário.

Na **C.P.**, os ferroviários prosseguem a luta pelo aumento de 600\$00 mensais, apesar da onda repressiva desencadeada pelos magnatas da Companhia. De Outubro a Dezembro, diversas exposições reivindicativas foram enviadas à Administração, totalizando cerca de 2.000 assinaturas: dos operários das oficinas do Barreiro, com 600 assinaturas; das oficinas do Entroncamento, com 600 assinaturas; das oficinas de Ovar, com 100 assinaturas; e ainda

do pessoal do movimento da zona de Lisboa e do pessoal do movimento da zona sul.

Tomando o fortalecimento da unidade combativa dos ferroviários, a Administração exerce represálias: no Barreiro, foram despedidos 3 trabalhadores. Ao mesmo tempo, faz circular boatos de que vão ser dados aumentos de 15%, e que o Acordo Colectivo de Trabalho homologado em Janeiro de 1970 está a ser «revisto».

Mas os ferroviários não se deixaram iludir. A sua resposta às represálias e às falsas promessas tem de ser esta: reuniões de trabalhadores a vários níveis, comissões activas para dirigir a luta, discussão das reivindicações mais sentidas — para que seja cada vez mais forte a sua unidade, no combate contra a exploração.

Na **LISNAVE** (Margueira), temendo que as manifestações de descontentamento dos operários se transformassem em grandes acções reivindicativas, o patronato concedeu aumentos da ordem dos 400\$00 mensais além da redução do tempo de trabalho semanal.

Apesar disso, os soldados do turno do dia concentraram-se junto do encarregado reclamando contra a disparidade existente entre os seus salários, como efectivos da empresa, e os salários pa-

gos a quem trabalha nesta empresa por conta de sociedades empreiteiras particulares.

Em luta por aumento de salário, estão também as empalhadeiras de Alhadas, os operários da Parry & Sons e noutras empresas.

Trabalhadores! A luta insistente por aumento de salários é a melhor forma de combate contra o infernal aumento do custo de vida. Se a esta vossa justa reivindicação, o patronato responder com o silêncio, com falsas promessas ou com represálias, passai a formas superiores de luta, seguindo o exemplo dos vossos camaradas da Tudor e da Metal.

As concentrações, paralizações e a greve só terão, porém, possibilidade de sucesso se, com reuniões nas empresas ou fora delas e com Comissões de Unidade constituídas pelos mais combativos escolhidos por todos entre vós, fortalecerdes dia a dia a vossa organização e unidade.

«RADICALISMO PEQUENO-BURGUÊS DE FACHADA SOCIALISTA»

Com este título, está em distribuição em todo o Partido um novo folheto da autoria do camarada Alvaro Cunhal.

Greve

dos

operários agrícolas em Benficha do Ribatejo

Os operários agrícolas desta terra reclamam 10\$00 à hora nos serviços da poda de vinha e outros. Como os patrões quisessem dar apenas 8\$50, os operários agrícolas entraram em greve no dia 11 de Janeiro. No dia 16, a greve prosseguia.

AUGUSTO ARAGÃO

Chegou-nos a notícia brutal: faleceu recentemente em S. Paulo, Brasil, o nosso camarada Augusto Aragão.

Com cerca de 45 anos de idade, Augusto Aragão deu mais de 25 à luta pela libertação de Portugal da praga fascista, pela democracia e o socialismo. Com menos de 20 anos militou na Federação das Juventudes Comunistas, então existente, e a partir de 1947 nas fileiras do Partido Comunista Português.

Na região do Porto, onde quase sempre militou, teve uma actividade destacada na criação do MUDJ tendo ocupado nele postos de direcção.

Várias vezes preso pelo bando da PIDE sempre se portou dignamente. Para fugir a nova prisão foi forçado a emigrar clandestinamente para o Brasil, onde durante vários anos serviu fielmente o seu Partido e a causa da democracia portuguesa, lutando nas condições locais contra a ditadura fascista.

Inclinamo-nos ante a memória de AUGUSTO ARAGÃO prosseguindo indefectivelmente a luta que ele não pode mais seguir, pela democracia, o socialismo e o comunismo.

APÓS 3 SEMANAS DE GREVE

OS PESCADORES DA POVOA DO VARZIM CONTINUAM A RECLAMAR:

«A luta para os pescadores»

Para os pescadores da Póvoa do Varzim depressa ficou claro que o fim da luta livre nenhum benefício lhes poderia trazer.

Ao contrário. Além de perderem o direito de dispor livremente do produto do seu duro labor, teriam de pagar impostos exorbitantes e muitos deles, especialmente as mulheres («pescadeiras») seriam atingidos pelo desemprego. A tais exigências, os pescadores responderam com a firme recusa.

As autoridades marítimas usaram de falas mansas, acenaram com promessas, recorreram à intimidação e à repressão. O comandante do porto, António Emilio Sachetti (filho do famigerado inspector da PIDE Sachetti), foi quem mais se distinguiu nestas manobras, sob a benção e com a colaboração activa do procurador das Casinas.

No dia 5 de Janeiro, de novo os pescadores exprimiram firme e aberta a sua recusa acolhendo a polícia marítima capitaneada por Sachetti com uma poderosa manifestação de protesto. Centenas de centenas de pescadores e «pescadeiras» com os seus filhos concentrados na praia empunhavam cartazes onde se lia: «Venda livre!», «A luta para os pescadores!», «Venda livre ao público!», «La-

drões da luta!».

Procurando mostrar quanto pode valer um filho de pida, o Sachetti ordenou a prisão de pescadores e recusou-se a passar as guias de compensação do preço do gásóleo enquanto a PIDE-DGS se instalava na terra.

A resposta dos pescadores foi a greve.

Ao cabo de um mês de luta e três semanas de greve, as autoridades marítimas ensafaram uma torpe manobra de divisão, no que tiveram o apoio da imprensa venal. Na madrugada de 28 de Janeiro, uma traineira-fura fazia-se ao mar, mas sob a protecção policial. As autoridades marítimas tinham razões de sobra para temer a força unida dos pescadores...

Traindo os companheiros em luta, o pescador-fura viu a sua fotografia publicada no jornal. Os tardeados 4 contos a mais que lhe ter recebido foram sem dúvida os 30 dinheiros da sua traição. O filho do miserável torturador Sachetti pensa poder domar a combatividade e firmeza de que deram provas as mulheres dos pescadores chorando lágrimas de crocodilo sobre a sua sorte e a dos seus filhos.

Com promessas e mais promessas, o governo e os seus mandatá-

rios (capitão do porto, Junta Central das Casas dos pescadores & Cia.) procuram apenas iludir e desunir os pescadores. Também a abolição do imposto do pescado foi uma bela promessa que logo se transformou num novo imposto anual exigido aos pescadores. E que dizer do prometido «abono de família» à custa de um imposto de 14% sobre o pescado? E duma «previdência» em que o Estado fascista não entra com um tostão e que só será dada depois de paga e repaga pelos pescadores?

Tais são algumas das maravilhas que o «Estado Social» de M. Caetano oferece aos trabalhadores. Não admira, pois, que também os pescadores fujam delas tomando o penoso caminho da emigração ou o duro e mais justo caminho da luta firme, unida e corajosa, como fizeram os pescadores e as suas mulheres na Póvoa do Varzim.

Avante, valentes pescadores e «pescadeiras»: Só pela luta podereis ver construído o cais acossável que reclamais e ver satisfeita a vossa justa reivindicação: «A luta para os pescadores!»



Há 10 anos COMEÇO DA LUTA ARMADA EM ANGOLA

Recusando-se a negociar com os representantes dos povos das colónias a independência destas, os fascistas e colonialistas, então chefiados por Salazar, provocaram a guerra colonial em três frentes, com todas as suas consequências desastrosas para o povo português.

Aos justos anseios de liberdade dos povos das colónias portuguesas, a camarilha fascista e colonialista de Salazar respondeu sempre com maior e mais atroz opressão e exploração dos povos das colónias e com a repressão terrorista em grande escala. Não restava, pois, outra saída aos povos das colónias portuguesas que recorrer à luta armada para conquistar o sagrado direito à independência.

Representando os mesmos interesses rapaces dos colonialistas portugueses e dos imperialistas estrangeiros, o governo de M. Caetano longe de procurar solucionar o problema colonial, negociando com os movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique a transferência de poderes, mobilizou novos recursos, aumentou desmedidamente os contingentes militares em África e intensificou as acções militares

contra os combatentes e as acções punitivas contra as populações, ordenou a intensificação e alargamento dos bombardeamentos aéreos com napalm e herbicidas para queimar as aldeias e envenenar as populações ou reduzi-las à fome pela destruição criminosa das colheitas e do gado — tudo na esperança de conseguir o impossível.

Há 10 anos, no dia 4 de Fevereiro de 1961, os patriotas angolanos iniciaram a sua guerra de libertação, seguidos pouco depois pelos patriotas guineenses e moçambicanos. Esta guerra, porque é uma guerra justa, só pode terminar pela vitória.

Por outro lado, como precisou a Comissão Política do C.C. do P.C.P. no seu manifesto de Janeiro passado.

«A guerra colonial é um crime contra os povos africanos. Os morticínios das populações levantam justa indignação em todo o mundo. A política de rapina, de exploração e de guerra colonialista é contrária aos interesses do povo e da nação portuguesa. A nossa juventude é levada a matar irmãos africanos que nada têm contra o nosso povo. Milhares de jovens portugueses morreram já ou ficaram estropiados em defesa dos interesses dos exploradores coloniais, inimigos comuns do povo português e dos povos das colónias. Toda a vida nacional se resente dos milhões de contos absorvidos pelas despesas de guerra. A guerra colonial acentua de dia para dia a dependência de Portugal do imperialismo estrangeiro».

Uma tal guerra, porque é injusta, só pode terminar pela derrota.

Mensagem do Presidente Sekou Touré ao C.C. do PCP

Em 12/12/70, o Presidente da República da Guiné enviou ao C.C. do P.C.P. a seguinte mensagem:

«Muito sensibilizado pela vossa mensagem de simpatia e de solidariedade, garantimo-vos a certeza de que a Guiné, seja o que for que aconteça, não renunciará nunca ao nobre combate nacional e social. O fascismo português, vil agente do imperialismo internacional, é o inimigo comum do Povo Português e dos Povos Africanos. Amistosamente.

AHMED SEKOU TOURÉ
Secretário Geral do Partido Democrático da Guiné».

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE O VIETNAM, LAOS E CAMBOJA

Promovida pelo Conselho Mundial da Paz e outras organizações internacionais, realizou-se em Estocolmo, de 28 a 30 de Novembro, uma conferência mundial contra a agressão dos imperialistas americanos no Vietnam, Laos e Camboja e pela paz, a soberania e a independência dos seus povos. Nesta conferência participou um delegado do Comité Português da Paz que, a certa altura da sua intervenção, disse:

«O povo português, em luta contra uma ditadura fascista desde há mais de 40 anos, e cuja juventude se levanta cada vez mais contra três guerras coloniais injustas, sente profundamente os horrores que se abateram sobre os povos irmãos da Indochina e junta a sua voz à vossa voz para exigir a retirada imediata e incondicional de todas as tropas americanas do Vietnam, Laos e Camboja, a cessação imediata dos bombardeamentos reconhecidos sobre a República Democrática do Vietnam e exprime o seu apoio total à luta dos povos da Indochina pela independência e pela paz».

Novo crime americano na Indochina A INVASÃO DO LAOS

De parceria com os seus lacaios de Saigão, os imperialistas americanos estão a invadir o Laos.

Uma vez mais, o agressor americano, no estilo que Hitler celebrou, violou fronteiras a coberto da surpresa, iniciou uma guerra sem a declarar.

A nova escalada da agressão americana contra os povos da Indochina não traduz, porém, qualquer sucesso nas anteriores operações de guerra: reflecte, pelo contrário, o insucesso e o fracasso destas.

Incapazes de vencer a resistência heroica do povo do Vietnam do Sul contra o qual mobilizaram mais de 600 mil homens e todos os recursos da sua técnica, os Estados Unidos lançam-se em actos de pirataria e provocação contra o Vietnam do Norte, bombardeiam este país selvaticamente. Demonstrada a ineficácia dos bombardeamentos, provada a capacidade do povo do Vietnam do Norte, sob a direcção do Partido dos Trabalhadores (a que o saudoso camarada Ho-Chi-Minh presidiu até à sua morte, em Setembro de 1969) para, sob o tormento das bombas, reorganizar a economia socialista e fortalecer a ajuda aos

Comunicado comum do encontro entre o Partido Comunista Francês e o Partido Comunista Português

Nos primeiros dias de Janeiro de 1971, teve lugar um encontro entre uma delegação do Partido Comunista Francês, composta pelos camaradas André VIEUGUET, membro do B.P., secretário do Comité Central, Claude POPEREN, membro do «Bureau» Político, Marcel ZADNER, membro do Comité Central, Louis Le FLOCH, colaborador do Comité Central, e uma delegação do Partido Comunista Português, composta pelos camaradas José VITORIANO, membro do secretariado do Comité Central e Joaquim GOMES, membro do Comité Central.

Numa atmosfera fraternal e cordial, as conversações permitiram uma larga troca de informações e de opiniões sobre a situação nos dois países e sobre questões de política internacional.

A delegação do Partido Comunista Francês exprimiu a sua inteira solidariedade com a luta que o Partido Comunista Português, nas condições difíceis da clandestinidade, anima contra a ditadura fascista, pela democracia e o socialismo, contra a guerra colonial e o colonialismo português.

O Partido Comunista Francês continuará pela sua parte a desenvolver a sua acção de solidariedade em favor da libertação e da amnistia para todos os presos e exilados políticos.

Dirige aos comunistas portugueses, a todos os democratas encarcerados e às suas famílias os seus sentimentos fraternais de solidariedade. O Partido Comunista Francês continuará a agir para que os imigrantes portugueses em

França beneficiem dos mesmos direitos que todos os trabalhadores franceses.

A delegação do Partido Comunista Português saudou a luta travada pelo Partido Comunista Francês à cabeça da classe operária e do povo de França contra o domínio dos monopólios, pela democracia e o socialismo. Exprime ao Partido Comunista Francês os sentimentos de reconhecimento dos comunistas portugueses pela sua solidariedade activa. Aprecia a actividade desenvolvida pelo Partido Comunista Francês para defender os interesses materiais e morais dos trabalhadores portugueses emigrados em França e para os fazer participar nas lutas da classe operária francesa.

As delegações dos dois Partidos sublinharam nesta ocasião a sua vontade de desenvolver a sua cooperação na realização dos grandes objectivos da luta anti-imperialista definidos pela Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários de Junho de 1969.

O Partido Comunista Francês e o Partido Comunista Português asseguram do seu apoio fraternal os povos vítimas do imperialismo e do colonialismo e, em particular, os povos de África que lutam contra a segregação racial e combatem pela sua libertação nacional.

Os dois Partidos reafirmam o seu inteiro apoio ao combate dos povos das colónias portuguesas pela liberdade e a independência, no espírito da declaração da Conferência Internacional de solidariedade de Roma, em Junho de 1970. Expressam a sua solidariedade activa ao Partido Africano da Independência da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde (P.A.I.G.C.), o Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.), a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Condenam a recente agressão dos colonialistas portugueses, apoiada pelo imperialismo, contra a República Democrática da Guiné.

Os dois Partidos consideram que a guerra colonial conduzida por Portugal só pode prosseguir com a ajuda política, económica, financeira e militar dos países da O.T.A.N.. Este apoio é confirmado pela realização em Lisboa, da próxima sessão do Conselho do Pacto do Atlântico. A responsabilidade do governo francês é grande, pois ele pratica uma política de colaboração aberta com o governo de Caetano.

O Partido Comunista Francês exige que cessem as entregas de armas utilizadas na guerra colonial em África.

O Partido Comunista Francês e o Partido Comunista Português intensificarão a sua solidariedade aos povos da Indochina e aos povos árabes. Eles alargarão a sua acção pela segurança colectiva na Europa e pela Paz.

Os dois Partidos decidiram reforçar a sua cooperação activa e estreitar os seus laços fraternais na base dos princípios marxistas-leninistas e do internacionalismo proletário.

Janeiro de 1971